



Arcasi, Gira

Foto: Divulgação

“HACKEANDO O PODER”

Inspirada no livro homônimo, Rede NAMI apresenta nova exposição coletiva no Museu da República, RJ. Carollina Laureano assina a curadoria

A Rede NAMI, organização criada pela artista Panmela Castro, exibe no Museu da República, Rio de Janeiro, a mostra coletiva *“Hackeando o Poder”*, com obras de artistas que exploram novas perspectivas e narrativas

no mundo da arte. Inspirada no livro *“Hackeando o Poder: Táticas de Guerrilha para Artistas do Sul Global”* (2023, edit. Cobogó), a exposição reúne criações das artistas que participam do livro e dos projetos da NAMI,

oferecendo um espaço de diálogo e apreciação da arte através de trabalhos que representem a diversidade e a pluralidade do que é ser mulher no mundo de hoje.

A publicação é um manual de artes e direitos humanos para jovens artistas que desejam ingressar e se manter no mercado. Nesse sentido, a exposição apresenta visões e as vozes de artistas, de diferentes gerações como Rosana Paulino, Panmela Castro, Marcela Cantuária, Priscila Rooxo, Élle de Bernardini, Vulcânica Pokaropa, Agrippina R. Manhattan, Alice Yura, Roberta Holiday, Sallisa Rosa, Arcasi e Alafumin.

“O livro é uma escrita importante sobre esse processo de hackeamento do poder no meio artístico. A exposição deriva dele como um projeto que tenta pensar a produção de artistas entre as várias gerações de mulheres, desde uma Rosana Paulino com uma carreira consolidada, conhecida internacionalmente, até outras muitas jovens que estão chegando e encontrando um mercado mais preparado para absorver novas narrativas”, explica a curadora.

A exposição reúne 12 obras, entre pinturas, foto-performance, fotografia e instalação, de 12 artistas (negras, trans e/ou periféricas) que, na grande maioria, se debruçam sobre seu próprio corpo/vivência para pensar as questões contemporâneas. *“O visitante será convidado a pensar na multiplicidade do que é ser mulher com todas as suas urgências, necessidades e lacunas a serem preenchidas. O objetivo é justamente mostrar o que a vivência e o olhar dessas mulheres estão trazendo*



Priscila Rooxo

Foto: Mario Grisolli

de novo para a gente pensar a sociedade hoje”, conta Carollina.

Um dos destaques é *“Suporte Caro”* (2022), obra inédita da artista Priscilla Rooxo, que busca evidenciar o uso de materiais tidos como “nobres” por artistas jovens e periféricos, criticando a predileção por materiais “inferiores” (como papelão e resíduos) a eles muitas vezes designada. Num gesto tão simples quanto potente, a artista elabora imagens de mulheres trabalhadoras sobre linho, referenciando as presenças femininas fortes e fundamentais em seu cotidiano – como sua mãe, suas tias e amigas.



Panmela Castro.
Amor eterno
Foto: Divulgação

Panmela Castro também apresenta um novo trabalho: a instalação *“Amor Eterno”*, parte da série *“Mulheres Negras Não Recebem Flores”* (2024). A obra, uma coleção de flores secas guardadas em potiches de vidro, é mais uma das criações da artista que fala sobre sua incansável busca pelo afeto. *“O título da série se refere às teorias relacionadas a ‘Solidão da Mulher Negra’ de autoras como Ana Claudia Lemos Pacheco, Claudete Alves da Silva Souza, Bell Hooks, além da frase original de Gabriela Moura, que viralizou nas redes tempos atrás.”*, explica Panmela.

A ancestralidade africana serve de base para o trabalho da artista Alafumin, que apresenta *“Renasci quando me fiz sol”* (2022), na qual reflete sobre o processo de autotransformação diante das adversidades da vida. *“Tornar-se sol é aceitar a grandiosidade e a força do próprio ser e acolher as próprias limitações, para então renascer diante dos desafios que atravessam a existência”*, diz. Já a artista paraense Arcasi, se debruça em suas origens através da obra *“Gira”*, um ritual de criação de si e de práticas de memória e liberdade.

Alafumin
Foto: Mario Grisolli

Natural de Goiás, Sallisa Rosa apresenta a obra fotográfica *“Resistência”*, criada a partir de uma pesquisa, iniciada em 2017, em que fotografa facões de familiares e conhecidos (sempre no ambiente rural) e depois cola as fotos pelas ruas da cidade como lambe-lambes. *“O facão é um símbolo de resistência e sobrevivência popular. Abre caminhos nas matas, colhe e ajuda o trabalho rural, mas também pode ser usado para ferir.”*, explica.





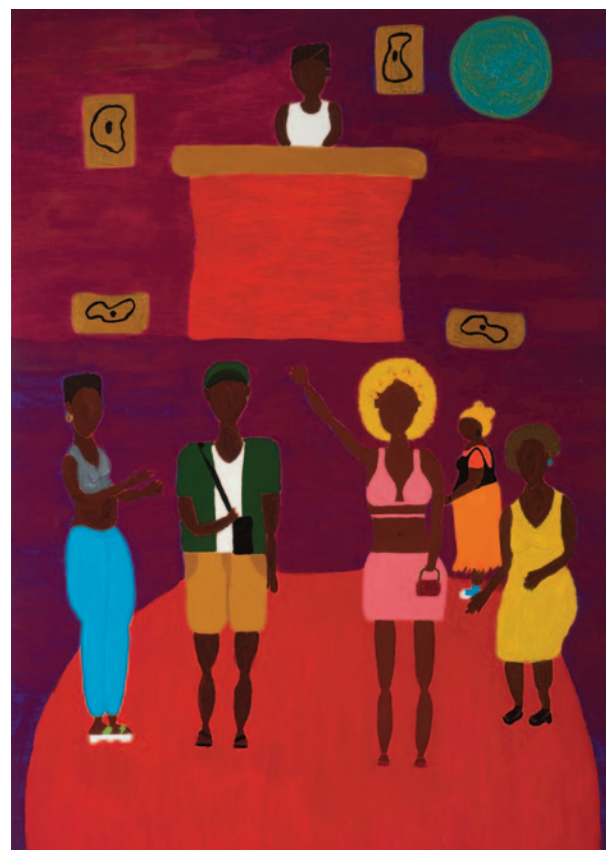
Sallisa Rosa

Foto: Cortesia da artista e A Gentil Carioca

O encontro da arte com a música se dá através de "*Celebração é Magia*" (2023), obra da artista Roberta Holiday, em que retrata corpos celebrando suas existências independentemente de onde estão: num baile funk, roda de samba, churrasco com a família ou conversando no portão de casa. "*A liberdade que a música propaga também compõe essa ritualidade.*", reflete Roberta.

As questões de gênero e transexualidade estão representadas em diversas obras. A artista trans Élle de Bernardini traz a obra "*A Professora de Piano*" (2022), uma alusão ao filme homônimo, de Michael Haneke, em que a personagem principal faz uma série de mutilações nas regiões genitais, revelando seu desespero pela destruição da própria feminilidade na qual se sente presa. "*São questões psicanalíticas da construção dos sujeitos. Fala desse corpo moderno/contemporâneo, fruto de uma série de intervenções das mais simples, até as mais complexas*", diz.

Com "*Justiça*" (2022), a também artista Vulcânica Pokaropa dá sequência à série "*Intercessão*", na qual faz releituras de imagens católicas, desta vez, através dos querubins, transicionando o nome para kuirubins ou queenrubins. Já Alice Yura apresenta a obra "*O Louco*" (2022), associada à ideia de um ser vagante ou de um ideal masculino que se perdeu ou está se perdendo.



Roberta Holiday

Foto: Mario Grisolli

A artista travesti Agrippina R. Manhattan apresenta a obra "*O paraíso fica em São Gonçalo*", pintura em tela que homenageia o lugar onde nasceu e foi criada, profetizando o dia em que o mar voltará a encontrar a cidade, localizada no interior do Rio de Janeiro. O único autorretrato da exposição é de Marcela Cantuária,



Vulcânica Pokaropa Foto: Mario Grisoli



Elle de Bernardini
Foto: Galeria Portas Vilaseca



Agrippina R. Manhattan

Foto: Mario Grisoli

artista carioca, conhecida por abordar narrativas de enfrentamentos à sociedade estruturada no machismo e na misoginia.

Durante o período da exposição, a NAMI realizará encontros de um clube de leitura do livro "*Hackeando o Poder*", nos quais serão discutidos capítulos com algumas autoras. Essa iniciativa visa ampliar o acesso ao livro e promover um aprofundamento nas questões sobre arte e direitos das mulheres.

SOBRE A REDE NAMI

A Rede NAMI é uma organização sem fins lucrativos que tem como objetivo o uso da arte como veículo de transformação social. Seus projetos promovem os direitos das mulheres, negros, povos originários, pessoas LGBTQIAP+ e pessoas com deficiência. A organização, criada em 2010 por Panmela Castro, realiza um trabalho de base, buscando estimular as potencialidades de liderança de grupos marginalizados pela sociedade em diversos âmbitos, alinhando-se diretamente a três dos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU para construir um mundo menos desigual e mais sustentável.

SERVIÇO

Hackeando o Poder

Até 30 de junho

Museu da República do Rio de Janeiro

Rua do Catete, 153, Catete, Rio de Janeiro / RJ

Dias/Horários: terça a sexta, das 10h às 17h;

sábados, domingos e feriados, das 11h às 17h

Entrada franca

Alice Yura

Foto: Divulgação

